

Apresentação

A revista Tomo, reformulada no seu conselho editorial, apresenta-se no seu terceiro número modificada no seu formato. Além disso, confirmando o caráter acadêmico e incitador do debate científico da revista, este número traz um conjunto de textos relevantes versando sobre temas importantes nas ciências sociais.

A colaboração inicial de John French introduz teses originais acerca da história do movimento operário no Brasil, contrapondo-se, sobretudo, aos autores que assinalavam a passividade dos trabalhadores durante o populismo. O artigo seguinte de José Edmilson Lima serve-lhe de contraponto, pois realiza um estudo acerca da mesma temática visando interpretar a legislação sindical varguista e a forma como essa legislação influenciou o comportamento de lideranças locais.

Os dois ensaios sobre Habermas de Rosenberg Frazão e Romero Venâncio analisam perspectivas diferentes de sua obra. O primeiro, mais concentrado na ação comunicativa, discute problemas e possibilidades da teoria de Habermas ser aplicada em pesquisas. O outro, realiza uma boa discussão das principais idéias acerca da modernidade, com especial destaque para a oposição entre Habermas e Richard Rorty.

Mais próximo da abordagem diacrônica temos os estudos de Fábio Maza sobre o pensamento de Roberto Simonsen - utilizando o referencial gramsciano para enfocar o papel do engenheiro como construtor de hegemonia -, de Luiz Mott - apresentando um corpus de seis cartas amorosas, as quais permitem analisar o imaginário amoroso em Portugal do século XVII -, de Therezinha Oliva e Dilton Maynard - sobre as imagens produzidas pela epidemia de cólera em Sergipe em meados do século XIX a partir das reflexões de Marc Bloch -, de Marcos Silva comentando tese de Doutorado sobre Imprensa alternativa no Acre.

Em sequência, voltados para a temática da religião e resultados de pesquisa de campo, os artigos de Jônatas Menezes e de Eufrázia

Menezes. No primeiro, o autor estuda diversos grupos religiosos (presbiterianos, adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Evangélica Assembléia de Deus), visando analisar comparativamente determinados cultos e práticas. No segundo, a autora refaz a trajetória da introdução do espiritismo em Sergipe mostrando como se deu sua inserção social e suas especificidades.

O número se completa com quatro ensaios significativos de natureza teórica e metodológica. Um de Francisco Pecorari sobre a noção de disciplina em Foucault, retornando a tese do sujeito como fundamento da filosofia e da história; outro de Mary Mendes sobre a questão de gênero evidenciando pontos polêmicos no interior do debate na teoria marxista; o terceiro sobre a teoria de representações sociais de Maria Teresa Pereira e Moacir Oliveira revendo a contribuição de Moscovici; o quarto de autoria de Luzia Urbano sobre as mazelas das políticas de saúde em tempo de vigência das reformas liberais do Estado.

Sem dúvida, este número não teria sido possível sem a colaboração de pareceristas ad-hoc, aos quais agradecemos: Afonso Nascimento, Antônio Ponciano Bezerra, Jorge Carvalho do Nascimento, Lilian Cristina Monteiro França e Maria da Conceição Vasconcelos.

Os editores